

Comunicação/Comunicabilidade¹

Communication/Communicability
Comunicación/Comunicabilidad

Lucrecia D'Alessio Ferrara

Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP

“A linguagem será imperfeita em sua essência comunicante, em sua universalidade, quando a essência espiritual que fala a partir dela não for, em toda sua estrutura, algo linguístico, isto é, algo comunicável. *Somente o homem possui a linguagem perfeita do ponto de vista da universalidade e da intensidade*”. (BENJAMIN, 2013, p. 57).

Comunicação e linguagem

A epígrafe que dá origem a este trabalho encontra-se em Walter Benjamin e se refere a um texto de juventude, publicado em 2016 que tem como título “Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem do homem”. Revisto depois de um século da sua publicação, observa-se que, naquele texto, se apresenta uma questão que, há cem anos, como nos dias atuais, é análoga àquela que nos interessa e se volta para a questão da linguagem como forma de comunicação e como expressão essencial de uma universalidade que, desde o início, vai além dela própria. Desde há um século como até nossos dias, apresentam-se pontos de indagação que exigem reflexão. Trata-se de elementos que convergem para a pergunta que identificaria uma área, e tenderia à produção de conhecimento e lhe conferiria uma possível autonomia científica: que é comunicação ou o que comunicável na comunicação?

A resposta solicitada e sugerida pela pergunta refere-se a algo que, na epígrafe, se apresenta como universalidade, portanto, comum a todos ou a muitos, mas, na própria raiz do texto epigrafado, é sugerido como uma impropriedade, porque se apresenta como atributo do homem e exclusivo a ele. Seria uma impropriedade que emana de posição ideológica do autor ou uma confissão quase metafísica, que propõe a linguagem como atributo totalizante e exclusivo do homem ou aquela universalidade não se refere apenas aos homens, mas a todos os seres vivos que se caracterizam pela capacidade de produzir linguagens?

Porém, na inerente capacidade que define aqueles seres, evidenciam-se distinções para produzir e transformar linguagens, conforme maior ou menor capacidade adaptativa ao meio ambiente ou de maior ou menor flexibilidade para, a partir de gestos miméticos, reproduzir ou produzir e transformar linguagens. Ou seja, evidencia-se que a epígrafe se apresenta com possível impropriedade, exatamente por suscitar a indagação que nos levaria

¹ Em versão provisória, as propostas desse texto foram debatidas no Seminário Quinta Essencial 2016, promovido pelo PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero/SP

a observar as diferenças ou peculiaridades que distinguiriam a comunicação humana entre todos os seres vivos. Ou seja, se tudo se comunica, como se comunicam ou o que há de comunicável na linguagem dos homens? Haveria nessa diferença o alicerce de um “espiritual” inerente àquela linguagem que definiria uma qualidade específica?

Entendido como configuração semiótica, o comunicável na linguagem dos homens se manifestaria como “revelação” linguística que, à maneira de uma crença, seria responsável pelos traços quase religiosos que, no texto de Benjamin, chegam a assumir características paradoxais:

Se múltipla naquilo que comunica, a comunicação é, sobretudo, diferença entre aquilo que transmite e a infinita capacidade de exprimir e de comunicar.

No interior de toda configuração linguística reina o conflito do expresso e do exprimível com o inexprimível e o inexpresso. Ao considerar esse conflito, vislumbra-se na perspectiva do inexprimível, simultaneamente, a última essência espiritual. Ora, é claro que equiparar a essência espiritual à essência linguística implica contestar essa relação de proporcionalidade inversa entre ambas. (BENJAMIN, 2013, p. 59).

Evidentemente, a citação não auxilia a solução do paradoxo. Aparentemente de base religiosa ou metafísica, como foi observado no parágrafo anterior, ou seja, entendendo a linguagem como uma revelação, a expressão seria eminentemente linguística, mas seria incompatível com sua característica espiritual. Estaria mais próxima da comunicação como dimensão universal comum a todos, distanciando-se da pretendida revelação espiritual? Essa espiritualidade corresponderia à exclusiva característica da linguagem verbal professada entre os homens, entendidos como espécie privilegiada entre os seres vivos? Mas como entender, nesse privilégio incontestável, o conflito entre o expresso e o exprimível e o inexprimível e o inexpresso? Nesse conflito, encontraríamos a impropriedade de aproximar ou confundir essência linguística e essência espiritual? Ou simplesmente se contestaria a anterior aproximação, a fim de ser possível caracterizar que o homem, como todo ser vivo, se comunica através de linguagens, embora elas não lhe sejam garantia de expressividade? Voltamos à questão inicial: que é comunicação ou o que expressa a comunicação?

Comunicação e transmissão

Como linguagem exprimível, a comunicação seria transmissão imprecisa, visto que estaria sempre abalada por uma parcela de sentidos inexprimíveis e, portanto, sempre submissa àquilo que, em sendo comunicação, seria sempre inexpresso. Ou seja, não cabe à Comunicação, enquanto ciência, a caracterização de exclusiva competência expressiva, ao contrário, sua eficiência revela um déficit de linguagem que parece suficiente para caracte-

rizar a diferença inabalável entre a comunicação dos homens e a dos demais seres vivos, ou seja, a comunicação é comum e universal entre todos os seres vivos, porém com diferenças que a tornam específica e universal para aqueles seres que, vivos, são homens. Portanto, a essência espiritual da linguagem dos homens conota mais propriamente um déficit do que um privilégio! Transforma-se a pergunta inicial: já não interessa saber o que é comunicação, mas como se comunicam os homens?

Entretanto, as aproximações históricas do exercício da comunicação parecem estar mais próximas de outro tipo de afirmação ou resposta para a questão anterior. Os homens se comunicam pela expressão que os aproxima e os faz comunicantes, pois assim produzem distintos sentidos considerados não propriamente ou apenas linguagem, mas mensagens que, de modo pragmático, arquetam o diagrama daquilo que se comunica e, enquanto instrumento, assinalam o que significa comunicar. Comunicação é transmissão.

Em outro famoso texto, Benjamin não se refere à transmissão, mas à sua decorrência, a imitação:

[...] o dom mimético, outrora o fundamento da clarividência, migrou gradativamente, no decorrer dos milênios, para a linguagem e para a escrita, nelas produzindo um arquivo completo de semelhanças extrassensíveis. Nessa perspectiva, a linguagem seria a mais alta aplicação da faculdade mimética: um médium em que as faculdades primitivas de percepção do semelhante penetraram tão completamente, que ela se converteu no médium em que as coisas se encontram e se relacionam [...]. (BENJAMIN, 1985, p. 112).

Essa citação interessa a este trabalho porque nos permite perceber que, através da imitação, se consolida a transmissão como acordo tácito pelo qual todos os seres vivos se comunicam na medida em que, mimeticamente, se estabelece uma relação de simetria entre emissores e receptores consolidando, portanto, a semelhança que caracteriza todas as espécies que, por imitação, aprendem a se comunicar. Nesse sentido, a transmissão se confunde com imitação e vice-versa: a capacidade de comunicação é uma totalização da natureza que define todas as espécies vivas, inclusive o homem.

Entretanto, se essa certeza epistemológica e empírica define o que é comunicação, desenha também as diferenças entre ela e aquilo que chega a ser comunicado. Ou seja, se comunicação é transmissão, sua abrangência não é única ou funcional, mas múltipla e credora daquele déficit que, nas linguagens, parece evidenciar aquilo que lhes falta e, portanto, é inexpresso.

Se múltipla naquilo que comunica, a comunicação é, sobretudo, diferença entre aquilo que transmite e a infinita capacidade de exprimir e de comunicar. Nessa diferença, situa-se decisivo traço epistemológico da comunicação como ciência. A comunicação não é instrumento adequado à transmissão daquilo que se lhe apresenta com um *a priori* a ser imitado, ao contrário, produz algo que transforma a expressão em capacidade cognitiva que, através da inferência, vai além daquilo que se lhe apresenta como objeto ou mensagem a transmitir.

Embora a necessidade de definir um campo científico autônomo constitua interesse prioritário em alguns exercícios epistemológicos, é necessário observar que aquela capacidade cognitiva sustentada pela heurística inventiva constitui a identidade mais concreta da Comunicação como área científica. Embora essa definição possa ser restritiva, observa-se que, ao contrário de uma suposta interdisciplinaridade que, embora reserve à Comunicação um espaço explícito, a torna um apêndice de outras áreas, conceitos ou metodologias científicas; a identidade da Comunicação como área científica impõe considerar os limites

Liderado pela técnica, o corpo não se expressa, pois é substituído por uma manifestação de competência tecnológica que se expande ou se transfere para o homem.

e propriedades que lhe permitem o espaço menos definido da inferência inventiva, mas certamente mais promissor como futuro cognitivo.

Nesse sentido, a Comunicação não deve ser entendida como área interdisciplinar ou indisciplinar, ao contrário ela será mais claramente compreendida se a considerarmos adisciplinar.

A comunicação e a técnica

Entretanto, a adaptação ao meio ambiente que permite que todas as espécies se comuniquem e, por imitação, assinalem e transmitam suas especificidades adaptativas, segue um curso evolutivo que permite que aquelas diferenças se especializem e aquele processo contínuo atinja todas as espécies vivas. Mas como os homens se diferenciam entre as espécies vivas? Como outros estudiosos contemporâneos, Michel Serres se dedica ao estudo dessa pergunta e sua resposta contempla, em parte, o interesse deste trabalho:

A evolução desenvolve-se como uma árvore cujos galhos se dividem em ramificações cada vez mais adaptadas ao meio ambiente [...]. Na amplitude máxima possível da ramificação, a especialização chega a um impasse? Em seu avanço, a evolução diferencia: ao suprimir os limites, ela desespecializa e parece retroceder.

Desdiferenciados, esquecidos, empobrecidos, transformamo-nos nos mais desprovidos entre os seres vivos. (SERRES, 2005, p. 59-60).

Contestando a afirmação quase religiosa de Benjamin que assinala na linguagem dos homens algo de espiritual, Serres considera que a comunicação que caracteriza os homens entre os seres vivos se propõe à multiplicidade, à irregularidade e à imprevisibilidade e, portanto, sempre incompleta. Nesse sentido, é natural que esteja muito além da imitação, da transmissão ou do inefável espiritual, portanto, muito além daquilo que a pode caracterizar como instrumento que decorre daquela espiritualidade. Ao contrário, está a serviço de algo a exprimir ou de algo que a submete às características tecnológicas dos meios. Funcionais,

os meios expandem os homens atribuindo-lhes um modo de comunicar que se desenvolve como expansão física do próprio corpo, constituindo sua prótese.

Tecnologicamente mediatizado, o corpo se torna biosmidiático (SODRÉ, 2002, p. 21) e, submisso a um meio técnico, é feito não só para transmitir, mas constitui, sobretudo, um modo de expandir a própria capacidade expressiva do homem consolidada pela expansão tecnológica do corpo, que passa a ser definido como adequação a um modo de viver especializado pela técnica. Liderado pela técnica, o corpo não se expressa, pois é substituído por uma manifestação de competência tecnológica que se expande ou se transfere para o homem. A comunicação é, apenas, expressão de competência e eficiência tecnológicas.

Entretanto, é necessário ponderar que a linguagem não está a serviço dos meios técnicos que, se interferem na comunicação, não a determinam e, portanto, colocam a possibilidade de que, caracterizando a comunicação humana, a situam muito além da técnica ou da sua competência transmissiva que assinala o nascimento oficial da comunicação.

Embora aquele nascimento se confunda com o uso da técnica voltada para o desenvolvimento da imprensa e suas consequências culturais e econômicas através do jornalismo, definido como mídia e empresa, características das primeiras décadas do século XX, as consequências daquele uso atraem a atenção dos estudiosos da Comunicação e/ou da Informação desde o final da Segunda Guerra Mundial e se desenvolvem, sobretudo, como decorrência do final da década de 1960 e das indagações sociais, econômicas e políticas que a caracterizaram.

No caminho aberto pelas ponderações de Benjamin e na primeira metade do século XX, Gilbert Simondon estuda a diferença entre técnica, informação e comunicação. A aguda observação do autor o leva a refletir sobre o equívoco a que se pode chegar quando se considera a técnica um obstáculo à cultura, se a entendermos como construção exclusivamente liderada pela comunicação humana. Ao contrário e dentro da sutileza daquela reflexão, Simondon propõe reconsiderar o lugar da técnica na civilização ocidental, propondo-lhe a característica que não a considera obstáculo à cultura, mas a estabelece em relação de proximidade entre a técnica e a invenção humana:

Los seres técnicos son diferentes de los seres vivos en muchos aspectos, pero lo son esencialmente bajo el siguiente vínculo: un ser vivo engendra seres semejantes a él, o que pueden convertirse en semejantes a él después de un cierto número de reorganizaciones sucesivas que se cumplen de manera espontánea si son llevadas a término las condiciones convenientes; por el contrario, un ser técnico no posee esta capacidad; no puede producir espontáneamente otros seres técnicos semejantes a él [...].

Sin embargo, esto no significa de ningún modo que el hombre no pueda ser individuo técnico y trabajar en vínculo con la máquina; esta relación hombre-máquina se realiza cuando el hombre, a través de la máquina, aplica su acción al mundo natural; la máquina es entonces vehículo de acción y de información, en una relación de tres términos: hombre, máquina, mundo, y la máquina está entre el hombre y el mundo. (SIMONDON, 2007, p. 91-99).

Se Simondon relaciona máquina e homem, também pondera que a técnica se incorpora à cultura quando existe “uma objetivação da relação técnica para o homem” (ibidem, p. 163), ou seja, é a “*tecnicidade*” que justifica a aproximação entre máquina, cultura e homem que, para ser reconhecida, precisa ser contemplada, precisa dar origem ao conhecimento da mediação que se estabelece entre máquina e homem a quem cabe, como mediador daquela relação “essa forma particular de sabedoria” (ibidem, p. 165):

Na natureza, o homem é a única espécie viva capaz de reconhecer as relações de diferença entre as linguagens e o torna capaz de aprender enquanto se comunica e transformar essa capacidade em cultura.

El hombre es capaz de asumir la relación entre lo viviente que es y la máquina que fabrica; la operación técnica exige una vida técnica y natural. (SIMONDON, 2007, p. 143).

Nessa relação ao mesmo tempo cultural, maquínica e natural é possível inferir outro sentido para o conceito de biosmidiático proposto por Sodré:

Na verdade, há muito tempo se sabe que a linguagem não é apenas designativa, mas principalmente *produtora* de realidade. A mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, apenas potencializada ao modo de uma antropotécnica política – quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência

humana, para requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado. (SODRÉ, 2002, p. 26).

Nessa diferença, observa-se a distância que separa a máquina como funcionalidade daquela que, embora a entenda como objeto técnico, vai além dela a fim de descobrir que, através da tecnologia, é possível dar origem a outra relação entre os indivíduos.

Ora, para que essa relação possa ser desenvolvida, é necessário que os homens construam a cultura como heurística expressiva que transforma a transmissão em relação que se estabelece entre os seres humanos e os qualifica através da capacidade de transformar todos os objetos que fabrica em linguagem pela qual, ele não só transmite, mas sobretudo, se comunica. Nessa perspectiva, a relação entre todas as coisas que o homem cria, técnicas ou não, constitui a grande reserva que caracteriza a linguagem humana que, como exercício de liberdade, especializa o homem e o diferencia enquanto ser de linguagem em cadeia, ao mesmo tempo, comum e diferente entre todos os seres vivos:

Transformado em generalidade, o homem só produz interpretações por intermédio da linguagem e dos costumes [...]. No lugar em que todos os outros seres vivos se di-

ferenciam corporalmente em espécies, nós nos diferenciamos culturalmente por meio de famílias de línguas [...] nos rediferenciamos em mitos, técnicas, modos e cosméticas; por meio do saber e da profissão, como camponês ou pescador que arrasta sua rede pela areia com a ajuda de um cavalo, transformamo-nos em espécie. (SERRES, 2005, p. 62).

Essa capacidade de linguagem que, desde a invenção da escrita verbal ou dos simples traços que, nas paredes das cavernas, registravam a experiência da vida, está presente e permeia a ação do homem em distintas épocas históricas e culturais; impõe-se considerar que a linguagem constitui constante instrumento de comunicação e, como motivo de reflexão, nos leva a outros eixos de análise. Nos seus constantes processos de definição, a comunicação surge relacionada à cultura, e Flusser (2014, p. 46) afirma que ela surge “*como infraestrutura da cultura e da sociedade*”.

Ou seja, como infraestrutura, a comunicação constrói a cultura e, através dela, escreve a história da qual nos esquecemos porque, na aceleração técnica, tudo parece estar aqui e agora presente, sem tempo e sem espaço. Desse modo, parece que a tentativa de determinação da técnica sobre o homem que a esculpiu leva a uma espécie de outra narrativa teleológica sem evolução, porque se entende que a técnica, sem tempo e sem espaço, pode substituir o homem, a comunicação e a cultura, entendidos como estágios definitivos e já superados. Nesse aparente novo curso da história, parece que a funcionalização da técnica cria uma indiferenciação entre ela e o homem:

Ao externalizar a evolução, nós a aceleramos até o instante em que ela se converte nessa história humana, constituída por gradientes diferenciados de velocidade. O que é a técnica? Uma extraordinária aceleração do tempo dos seres vivos. Essa “aparelhagem” muda tanto nosso ritmo que, uma vez dada a partida, nos impede de avaliar a lenta extensão dos tempos que a precedem. (SERRES, 2005, p. 66).

Nessa indiferenciação, perdemos a capacidade de distinção entre a linguagem que organiza as relações entre todos os seres vivos e aquela que, na dominante humana, a torna biointerativa enquanto construtora da comunicação e, através dela, da cultura. Embora a linguagem se partilhe entre todos os seres vivos, a comunicação humana é, não obstante, cognitiva e identifica o homem e sua cultura. Nesse sentido, é necessário verificar como a linguagem, embora comum a todos os seres vivos, se distingue nas suas manifestações.

Como meios comunicativos, as linguagens dialogam entre si através da imitação que constitui mútuo e constante aprendizado. Entretanto, no caso da linguagem humana, aquela aprendizagem supõe desenvolver comparações entre as distintas manifestações de linguagem a fim de perceber que, para o homem, a linguagem vai além da imitação e impõe constatar como ela é substituída por uma alteridade que constata a diferença entre as linguagens. Na natureza, o homem é a única espécie viva capaz de reconhecer as relações

de diferença entre as linguagens que o torna capaz de aprender enquanto se comunica e transformar essa capacidade em cultura.

Nesse sentido, observa-se que a Epistemologia da Comunicação nos leva a refletir para além da transmissão simplesmente expressiva, monitorada ou não pelos meios técnicos. Embora considerando que o cotidiano dos homens está preenchido pela técnica, não é ela que autoriza a mediação entre os homens. Propõe-se que essa mediação superou os

A técnica corresponde à atualização de uma dessas diferenças, portanto, através dela, o homem se diferencia e inventa, enquanto corresponde à natureza específica que o distingue entre todos os seres vivos.

limites da técnica e, no cotidiano, se apresenta como outra forma de criar a comunicação humana e se propõe a desenvolver outra linguagem que exige a competência expressiva de uma heurística do mundo, como sentido a preencher todas as relações.

Porém, embora cognitiva, a comunicação humana é imprecisa e, em sentido múltiplo, se transforma a cada aventura inferencial que a revela e inventa. Sempre promissor e instigante, aquele sentido não se deixa exaurir, mas se propõe como inacabado, como algo inexpresso a incentivar a capacidade de comunicar através de uma linguagem que não adere às coisas, mas se propõe sempre como déficit a preencher. Na heurística desse déficit, é possível entender em que pode consistir uma Epistemologia da Comunicação.

A comunicação e o inexpresso

Esse déficit se indicia no inexpresso, mas em que consiste?

Se a técnica é uma intencionalidade que atende a uma causa final, ela é verdadeiramente um meio que pode expandir o homem ou ser sua extensão, mais uma vez é necessário recorrer a Michel Serres e às suas demolidoras afirmações inspiradas em sutil reflexão que se apoia, como vimos, sobre a técnica nas suas relações com os homens. Além de Serres, o eixo dessa reflexão pode perturbar o raciocínio como ocorre quando, de modo metafórico, McLuhan (1969) afirma que o meio técnico é uma extensão do homem. Entretanto é necessário entender que aquele meio se refere ao nascimento de novo e distinto ambiente que não é passivo em sua relação com o homem e suas invenções, ao contrário é seu interlocutor privilegiado ao manifestar sua adesão às mudanças que, como consequência da técnica, podem transformar a existência humana e toda a mediatividade da cultura no cerne da natureza:

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um lado chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as

consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. (McLUHAN, 1969, p. 21).

Entender a técnica como extensão do ambiente marcado pelo homem é perceber que, ao inventá-la, ele torna evidente sua própria incompletude, pois ela não o determina. Apesar de ser tecnicamente expandida, a potência da qual o homem é detentor o leva a inventar e a inventar-se fazendo, da sua expansão, o próprio elemento gerenciador da transformação técnica. Ou seja, a técnica expande a linguagem do homem, porque está a serviço dele. Ao lado da cultura e como expressão mais acabada dela mesma, a técnica especializa a natureza humana, mas não a esgota, pois é próprio do homem uma reserva de incompletude:

Ao perder as inúmeras especificidades, valências e potências reais, o humano portador de valência e potência zero tornou-se, sem dúvida involuntariamente, o portador virtual de todas as valências, totipotente, global e infinito. Esses empobrecimentos fizeram com que ele perdesse sua adaptabilidade a qualquer nicho local, sutil e precioso e não lhe concederam limites, nem definição. Indefinidos, tanto em alguns de nossos órgãos como em nossas possibilidades, transformamo-nos em campeões de inadaptação; não sabemos sequer como nos definir. (SERRES, 2005, p. 60-61).

No desenho desse homem inacabado e, por isso, infinito e sempre indiferenciado, porque pronto à invenção, Serres estabelece o vínculo entre todos os seres vivos e, no limite, entre natureza e cultura ou entre o homem e as demais espécies vivas. Entretanto, a incompletude do homem ou sua *valência zero* não significa que a natureza seja completa e surja inteiriça em todos os seres vivos. Indeterminada como substância, aquela valência é uma reserva de diferença que, em potência, habita a natureza e se expande entre todos os seres vivos, atribuindo-lhes excepcionais qualidades como a linguagem e a potência de comunicação. Entretanto, se essas qualidades são comuns, isto não quer dizer que, na desdiferenciação, não haja diferenças, ao contrário, é no apogeu dessa diferença que reside aquela incompletude.

A técnica corresponde à atualização de uma dessas diferenças; portanto, através dela, o homem se diferencia e inventa, enquanto corresponde à natureza específica que o distingue entre todos os seres vivos:

A invenção extrai do corpo desdiferenciado um fluxo de diferenças técnicas, culturais e cognitivas e, à medida que esse exodarwinismo funciona, nós nos desdiferenciamos, mas dispostos ainda a fazê-lo funcionar. A inovação expande-se exponencialmente e nutre-se incessantemente de si mesma; essa dinâmica explica seu brusco surgimento cujo caráter é múltiplo e ascendente. (SERRES, 2005, p. 85).

Entretanto e paradoxalmente, se essa ascendência se expande e assinala uma incompletude de valência zero, é exatamente através dela que o homem se distingue na natureza e se torna inventivo. A técnica decorre dessa incompletude inventiva. A expansão da técnica constitui termômetro da capacidade natural do homem: “Quanto mais produzimos, mais inocentes nos tornamos: por meio dessa inocência vocês reconhecem o inventor” (SERRES, 2005, p. 85).

Um sacramento ou compromisso que assume dimensões acontecimentais de um juramento e, como tal, deve corresponder à excelência expressiva que faz com que a linguagem seja indubitável e inquestionável, na sua exata correspondência funcional entre as palavras e as coisas.

Entretanto, essa capacidade feita de invenção e inocência não justifica uma automatização técnica porque, se o cotidiano surge mediatizado pela expansão da técnica, é exatamente essa valência poderosa que exige uma contínua desdiferenciação e a procura da diferença inventiva que leva a uma resposta provida de outra linguagem. Se, na natureza, a linguagem do homem se desdiferencia entre todos os seres vivos, é sua resposta inventiva que constrói, não sua diferença, mas a atualização de suas possíveis valências que, em estado de natureza, são inexpressivas.

A antilinguagem da comunicação inexpressa

Em texto bastante conhecido, Giorgio Agamben se aproxima da tonalidade teológica do texto de Benjamin e, estudando a linguagem, a aproxima de análogo viés espiritual que vai além da expressão, para lhe conferir estatuto de sacramento e juramento, entendidos como responsabilidade e consequência: “*El juramento no concierne al enunciado como tal. Sino a la garantía de sua eficacia [...] sino más bien asegurar su veracidad y su realización*” (AGAMBEN, 2010, p. 11). Nesse sentido, a linguagem como técnica é, sobretudo, um meio que tem em vista corresponder a uma finalidade e, como invenção, concretizaria uma especialização do humano. Um sacramento ou compromisso que assume dimensões acontecimentais de um juramento e, como tal, deve corresponder à excelência expressiva que faz com que a linguagem seja indubitável e inquestionável, na sua exata correspondência funcional entre as palavras e as coisas. Portanto, na sua relação com os demais seres vivos, a dimensão eficiente de um juramento confere, à linguagem do homem, expressiva qualidade, distanciando-a da mimética linguagem daqueles outros seres. Ou seja, é da natureza e da cultura ser comunicável como uma asserção que referencia o mundo ou, comunicando-o, o faz expresso e evidente. Nesse sentido, o homem e sua linguagem estão centralizados naquela eficiência nomeativa do mundo. A linguagem cria o mundo e, como um juramento contido nos nomes, o homem cria a linguagem.

Embora Agamben estude o desenvolvimento dessa eficiência apoiando-se em inúmeros autores originários de distintos ramos cognitivos, ele os ultrapassa para atingir a natureza da linguagem que, indeterminada, indicia a incompletude do homem e o define pela diferença que o singulariza na natureza. Ou seja, o homem tende, como vimos, à inspecialização de valências múltiplas, porém tendentes a zero! Nesse sentido, como entender a dimensão que Agamben atribui ao homem e à sua linguagem? A linguagem do homem não lhe é espontânea, imitativa e, apenas, adaptativa mas, ao contrário, exige-lhe o exercício de revisão constante da sua incompletude?

Essas questões interessam a Agamben e a esse trabalho, na medida em que colocam em questão a natureza da linguagem do homem, entendida como incapacidade expressiva e determinante da diferença entre todos os seres vivos ou entre natureza e cultura. A reflexão sobre essa questão sugere uma pergunta óbvia: qual é a natureza da linguagem do homem ou como entender o papel que ela pode desempenhar para ele, se embora ele tenha a capacidade de inventá-la, ela lhe assinala a ontológica incompletude que, entre todos os seres vivos, lhe é inerente? Ou essa insuficiência corresponde à incapacidade funcional da linguagem do homem para dar nome às coisas?

A resposta a essa questão remete Agamben ao conceito de *speech acts* (WITTGENSTEIN, 2005) e à construção performativa da linguagem que nada expressa funcionalmente, mas tudo cria na medida em que encontra seu próprio referente no contexto, que constitui inspiração e estímulo para o homem construir a expressividade da sua linguagem, sempre imperfeita como nomeação, mas poderosa como capacidade que, se atualizada, confere ao homem distinta e eloquente capacidade de construir significados e comunicar-se:

El performativo, entonces, sustituye la relación denotativa entre palabra y hecho, por una relación autorreferencial que, dejando fuera del juego a la anterior, se instala a si misma como hecho decisivo. El modelo de la verdad no es aquí el de la adecuación entre las palabras y las cosas, sino aquel, performativo, en el que la palabra inevitablemente realiza su significado. (AGAMBEN, 2010, p. 87).

Essa citação procura responder à questão anterior e, sobretudo, registra, para o homem, a inspecialização e incompletude da sua linguagem. Nesse sentido, a linguagem nada expressa mas, incompleta, tudo pode inventar, até mesmo seu referente que pode ser ultrapassado, não pela competência expressiva da linguagem, mas pela invenção, embora sempre inacabada ou incompleta.

A capacidade de inventar e, com ela, criar uma especialização que não lhe é original coloca, para o homem e para a sua comunicação, o desafio de inventar a linguagem que não se assemelha a uma religião ou crença, pois não lhe é inerente natural ou culturalmente, funcional ou tecnicamente.

Volta a estar em questão o pretendido estatuto de uma linguagem biinterativa: ao homem não interessa expressar-se, mas inventar-se na linguagem e entre as linguagens. Tarefa tanto mais difícil ou improvável, quanto mais decisiva se torna a capacidade dos meios

técnicos para substituir a linguagem do homem na adequação entre as palavras e as coisas. A linguagem é, para o homem, uma invenção que, performática, se assinala sempre como provisória ou incompleta:

—

Performática na medida em que se autorreferencia e se distância da funcionalidade expressiva ou nomeativa responsável pela relação entre as palavras e as coisas, a linguagem se relaciona com a capacidade heurística do homem para produzir inferências que lhe permitem fazer ciência.

—

En este sentido, la contraposición entre la fe y la razón, tan importante en la cultura moderna, corresponde en realidad punto por punto a la oposición entre aquellos dos rasgos cooriginarios del logos que son la veridicción (de la que provienen el derecho y la religión positiva) y la aserción (de la que derivan la lógica y la ciencia). (AGAMBEN, 2010, p. 95).

Performática na medida em que se autorreferencia e se distância da funcionalidade expressiva ou nomeativa responsável pela relação entre as palavras e as coisas, a linguagem se relaciona com a capacidade heurística do homem para produzir inferências que lhe permitem fazer ciência. Nesse sentido, a comunicação é linguagem e agente daquela capacidade inferencial que, quando atualizada, acaba por distinguir o homem entre todos os seres vivos e o afasta da simples nomeação da natureza.

Nesse sentido, entende-se a complexidade da afirmação de Benjamin na epígrafe deste trabalho: *A linguagem será imperfeita em sua essência comunicante, em sua universalidade, quando (enquanto) a essência espiritual que fala a partir dela, não for, em toda sua estrutura, algo linguístico, isto é, algo comunicável.* Portanto, a linguagem tenderia à totalização expressiva que definiria sua competência técnica e lhe permitiria transformar-se em um meio que reduz o homem a um corpo autônomo através da linguagem expressiva e submisso aos efeitos da funcionalidade midiática que a sustenta.

Entretanto, o homem não só se expressa, mas se comunica através da sua capacidade cognitiva e inferencial que, embora tendente a uma constante incompletude, afirma sua qualidade inventiva através da linguagem.

Nesse sentido, é necessário considerar uma linha reflexiva que vai na contramão da afirmação de Benjamin: a linguagem não expressa o homem e não o comunica, mas o faz capaz de comunicabilidade através do inexpresso que subjaz à linguagem, o inexpresso é a reserva de expressão e inferência que subverte a funcionalidade da linguagem como meio comunicante e expõe aquilo que vai além da comunicação, por se esconder sob a irreverência da comunicabilidade.

Evidencia-se uma inadequação entre a funcionalidade técnica da linguagem e a necessidade do homem de alcançar a melhor expressão sempre distante: nas consequências cognitivas e inferenciais expressas pela linguagem, o homem testa constantemente sua capacidade de exprimir um inexpresso que, renovado, passa a configurar a linguagem como necessidade de reconstrução comunicativa a cada experiência interativa.

Mais do que um biosmiológico, a linguagem transforma o homem em um ser interativo capaz de, ao tentar comunicar-se, descobrir que toda expressão se propõe como desafio ético e político e constrói a diferença natural entre os homens e todos os seres vivos: “*Quizás es momento de poner en cuestión el prestigio del que gozó y goza el lenguaje en nuestra cultura, en tanto instrumento de potencia, eficacia y belleza incomparables*” (AGAMBEN, 2010, p. 109). Procuremos a construção da inferência que, como possibilidade de linguagem, nos exige inventar para corresponder à diferença do homem na natureza.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *El sacramento del lenguaje*. Arqueologia del Juramento. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2010.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: _____. *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SERRES, Michel. *O Incandescente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2005.

Data de recebimento: 03/10/2018

Data de Aceite: 10/11/2018

Dados do autor:

Lucrécia D'Alessio Ferrara

<http://lattes.cnpq.br/1606647058708790>

Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Professora titular emérita da PUCSP e professora aposentada da USP.